

**COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E
NARRATIVA NUMA SOCIEDADE
CONECTADA POR REDES**

MERI NADIA MARQUES GERLIN
(Organizadora)

**COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E
NARRATIVA NUMA SOCIEDADE
CONECTADA POR REDES**

Editora
FCI/UnB 2018



Universidade de Brasília

Reitora

Márcia Abrahão Moura

Vice-reitor

Enrique Huelva Unternbäumen

Decanato de Administração (DAF)

Decana: Maria Lucilia dos Santos

Decanato de Assuntos Comunitários (DAC)

Decano: André Luiz Teixeira Reis

Decanato de Ensino de Graduação (DEG)

Decano: Sérgio Antônio Andrade de Freitas

Decanato de Extensão (DEX)

Decano: Olgamir Amancia Ferreira

Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação (DPG)

Decana: Helena Eri Shimizu

Decanato de Pesquisa e Inovações (DPI)

Decana: Maria Emília Machado Telles Walter

Decanato de Gestão de Pessoas (DGP)

Decano: Carlos Vieira Mota

Decanato de Planejamento, Orçamento e Avaliação Institucional (DPO)

Decana: Denise Imbroisi

Faculdade de Ciência da Informação (FCI)

Diretora:

Elmira Luzia Melo Soares Simeão

Vice-diretora:

Fernanda de Souza Monteiro



Universidade Federal
do Espírito Santo

Reitor

Reinaldo Centoducatte

Vice-reitora

Ethel Leonor Noia Maciel

Pró-Reitoria de Administração (Proad)

Pró-Reitora: Teresa Cristina Janes Carneiro

Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Cidadania (Proaeci)

Pró-Reitor: Gelson Silva Junquilha

Pró-Reitoria de Extensão (Proex)

Pró-Reitora: Angélica Espinosa Barbosa Miranda

Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (Progep)

Pró-Reitor: Cleison Faé

Pró-Reitoria de Graduação (Prograd)

Pró-Reitora: Zenólia Christina Campos Figueiredo

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG)

Pró-Reitor: Neyval Costa Reis Junior

**Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional
(Proplan)**

Pró-Reitor: Anilton Salles Garcia

Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE)

Diretor: Rogério Naques Faleiros

Departamento de Biblioteconomia (DBIB)

Chefia: Jose Alimatéia de Aquino Ramos

Vice-chefia: Gleice Pereira

© **Meri Nadia Marques Gerlin (2018)**

Todos os direitos em língua portuguesa, no Brasil, reservados de acordo com a lei. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou informação computadorizada, sem permissão por escrito da autora. Esta é uma publicação da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília e do Departamento de Biblioteconomia da UFES, Brasil.

Revisão

Laboratório de Editoração e Normalização (UFES)

Normalização e projeto Gráfico

Denise Bacellar Nunes (UnB)

Capa

Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)

Diagramação

Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)

Conselho Editorial

Denise Bacellar Nunes (UnB)

Elmira Simeão (UnB)

Marta Leandro da Mata (UFES)

Comitê Científico

Adriana Alcará (UEL)

Eduardo Valadares da Silva (UFMG)

Elmira Simeão (UnB)

Iguatemi Santos Rangel (UFES)

Márcia Marques (UnB)

Marta Leandro da Mata (UFES)

Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)

Taiguara Villela Villela (UFES)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G371c Gerlin, Meri Nadia Marques (Org.).

Competência em informação e narrativa numa sociedade conectada por redes / Meri Nadia Marques Gerlin (Org.). – Brasília: Faculdade de Ciência da Informação / Universidade de Brasília, 2018.

364 p.; Color. Coleção No balanço das redes: tradição e tecnologia (Vol. 2)

ISBN: 978-85-88130-49-4

1. Memória social. 2. Narrativa oral. 3. Competência narrativa. 4. Competência em informação. 5. Contador de histórias. 6. Rede Colaborativa. I. Título.

CDU 02:37

DEDICATÓRIA

Esta obra compõe a coleção “No balanço das redes: tradição e tecnologia” sucedendo a publicação denominada “Tecendo redes e contando histórias: competências em informação e narrativa na contemporaneidade”. Tendo em vista que o primeiro volume é uma adaptação do contexto teórico de uma tese de doutorado defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB), acrescenta-se que esta coletânea é resultado de um processo de investigação que se desdobrou em uma diversidade de outras pesquisas e, por conseguinte, que estabeleceu parcerias que levaram à constituição deste exemplar: “Competência em informação e narrativa numa sociedade conectada por redes”.

Em razão do exposto, torna-se importante dedicá-la aos atores sociais que de alguma forma contribuíram com a sua composição e aos colaboradores que organizaram artigos alimentados pelos temas de interesse da rede de colaboração do projeto “No balanço das redes dos contadores de histórias”; registrado como extensão universitária na UnB e projeto de pesquisa na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Por terem aceitado ao desafio de escrever sobre temas relacionados com os seus contextos de investigações teóricas e práticas cotidianas, organizando, com isso, um conjunto de diálogos enredados e tecidos com os fios das mais valiosas experiências. Ao que tudo indica, as suas pesquisas e os seus relatos foram tingidos com os tons de uma atuação que dia após dia fora constituída nos territórios da biblioteca, da universidade, do museu, da escola, do centro de educação infantil, do arquivo público e do ciberespaço.

Dedica-se ao mesmo tempo em que se demonstra uma especial gratidão ao “profissional, pesquisador e leitor” disposto a conhecer esta obra coletiva, esperando que gostem de ler aos artigos tanto quanto os seus autores sentiram prazer em escrevê-los. Organizá-los neste espaço de divulgação tornou-se uma consequência, perante ao desejo de uma boa leitura e um bom aproveitamento dos textos e contextos que lhes são apresentados no campo da competência em informação e da narrativa oral.

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver (BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 204).

SUMÁRIO

PREFÁCIO	10
APRESENTAÇÃO	18

PARTE I – COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: PROCESSOS INTER-RELACIONADOS COM A MEMÓRIA, ORALIDADE E CONEXÃO EM REDES	24
--	----

LEITURA, NARRATIVA E MEDIAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA, INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO	25
--	----

Maira Cristina Grigoletto

COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: QUESTÕES TERMINOLÓGICAS E CONCEITUAIS	48
---	----

Marta Leandro da Mata

A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO EM AMBIENTES DE INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA	79
---	----

Marta Leandro da Mata e Adriana Alcará

NO BALANÇO DAS REDES DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS: A IDENTIFICAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS DOS NARRADORES CONTEMPORÂNEOS	106
---	-----

Meri Nadia Marques Gerlin e Elmira Luzia Melo Soares Simeão

TROCAS DE EXPERIÊNCIAS NO CAMPO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: COLABORAÇÃO E ORALIDADE NO AMBIENTE DIGITAL DO YOUTUBE	133
---	-----

Elijance Marques dos Santos e Meri Nadia Marques Gerlin

ORGANIZAÇÃO DE DOCUMENTOS MULTIMÍDIA: PROPOSIÇÕES PARA RECUPERAÇÃO SEMÂNTICA DA INFORMAÇÃO EM AMBIENTES DIGITAIS	159
---	-----

Daniela Lucas da Silva Lemos e Renato Rocha Souza

TRANSDISCIPLINARIDADE PARA AS REDES: FORMAÇÃO DE COMPETÊNCIA EM COMUNICAÇÃO, INFORMAÇÃO E COMPUTAÇÃO PARA A GESTÃO DA MEMÓRIA	177
--	-----

Márcia Marques, Alzimar Ramalho, Benedito Medeiros Neto, David Renault da Silva, Joyce Del Frari Coutinho, Mônica Regina Peres, Marcelo Souza de Jesus e Tatyane Mendes Ferreira

PARTE II – COMPETÊNCIA NARRATIVA: PROCESSOS INTER-RELACIONADOS EM ESPAÇOS TEMPOS DE INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA	204
---	-----

NO BALANÇO DE QUEM SEMPRE OUVIU E CONTOU HISTÓRIAS.	205
--	-----

Silvana Soares Sampaio

NARRATIVAS E CONTOS AFRICANOS: O RESGATE DA TRADIÇÃO ORAL A PARTIR DAS NARRATIVAS DOS GRIOTS 222

Ana Claudia Borges Campos, Meri Nadia Marques Gerlin, Cláudia Maria de Oliveira e Fábio Vieira Pereira

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: UM DESAFIO PARA OS BIBLIOTECÁRIOS 238

Elane Couto Uliana

TRADIÇÃO ORAL NA BIBLIOTECA ESCOLAR POR MEIO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA 263

Ingrid Simões Pereira, Márcia Helena da Silva Marques e Maria Giovana Soares

SILÊNCIO! VOCÊ ESTÁ NA BIBLIOTECA: LER, CANTAR E CONTAR HISTÓRIAS NA BIBLIOTECA ESCOLAR 290

Eduardo Valadares da Silva, Fabiano de Oliveira Moraes e Marcela Lopes Mendonça Coelho Amorim

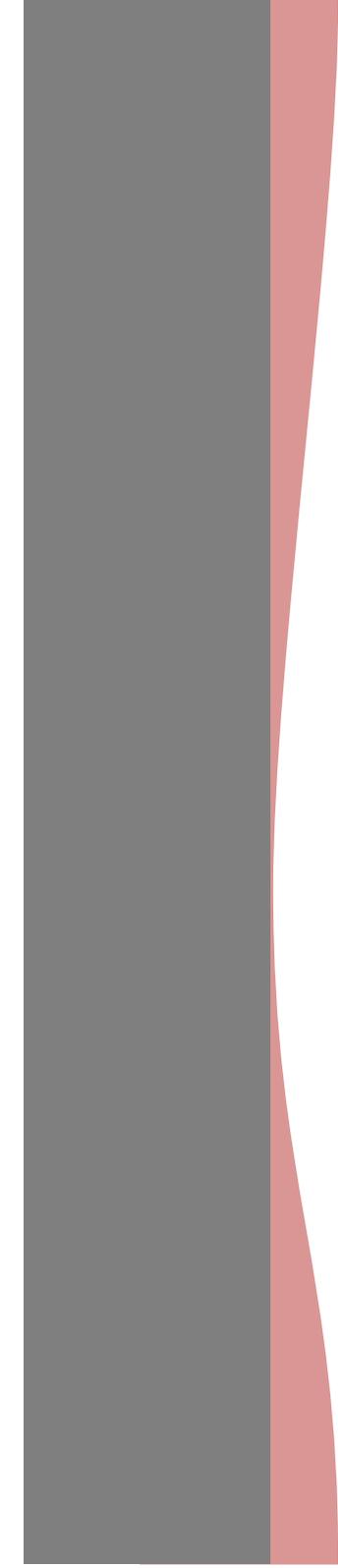
PROJETO CONTOS QUE ENCANTAM: UMA PRÁTICA DE INCENTIVO À LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS 311

Iguatemi Santos Rangel e Amanda Xavier

A PRESENÇA DE NARRATIVAS ORAIS NO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO 331

Taiguara Villela Aldabalde e Philippe Peterle Modolo

SOBRE OS AUTORES 352



PARTE II

**COMPETÊNCIA NARRATIVA:
PROCESSOS INTER-RELACIONADOS
EM ESPAÇOS TEMPOS DE
INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E
CULTURA**

NARRATIVAS E CONTOS AFRICANOS: O RESGATE DA TRADIÇÃO ORAL A PARTIR DAS NARRATIVAS DOS *GRIOTS*

Ana Cláudia Borges Campos⁴³

Meri Nadia Marques Gerlin⁴⁴

Cláudia Maria de Oliveira⁴⁵

Fábio Vieira Pereira⁴⁶

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo entender o contexto de construção da tradição oral afro-brasileira, compreendendo como atualmente as narrativas orais são apropriadas nas comunidades afrodescendentes e quem são os *griots* brasileiros. Em razão do exposto, apresentamos resultados de um levantamento teórico sobre o tema, assim como, organizamos fragmentos de um relato de experiência de sujeitos narradores que trabalham com narrativas africanas no Estado do Espírito Santo. O levantamento da práxis (da teoria e da prática) no contexto deste artigo vai ao encontro do contexto de atuação do narrador africano e, por meio dela, percebemos a importância da oralidade para a construção de identidades e conservação da memória desse tipo de narrador e das comunidades locais.

Palavras chave: Narrativa africana. Contação de histórias. *Griots* brasileiros.

⁴³ Doutora em Ciência da Informação. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES, Brasil. e-mail: ana.c.campos@ufes.com.br

⁴⁴ Doutora em Ciência da Informação. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES, Brasil. e-mail: meri.gerlin@ufes.br

⁴⁵ Graduada em História da Arte, Membro da Academia Brasileira de Contadores de História, Grupo Planeta Contos e Filhos de Griots. Vitória, ES, Brasil. e-mail: planetacontos@gmail.com

⁴⁶ Administrador de Empresas, Cientista Social e Membro da Academia Brasileira de Contadores de História, Grupo Planeta Contos e Filhos de Griots. Vitória, ES, Brasil. e-mail: planetacontos@gmail.com

INTRODUÇÃO

Nós humanos, ao longo dos tempos sempre tivemos o hábito de contar e recontar histórias reais ou fictícias em nossas narrativas espontâneas com o objetivo de instruir outros sobre a realidade, explicá-la e fazê-la compreensível de modo mais aproximado.

Quando éramos crianças certamente nossos avós, tios, mães, parentes nos contavam histórias referentes a gênese de nossas famílias, como os pais se conheceram, como os avos se casavam e, alguns até retratam com certo orgulho, que o cônjuge foi “pego no laço” ou que o antepassado era descendente direto de africanos; como se o contexto da violência do encontro fosse para ser lembrado com orgulho. Mas o que podemos dizer dos processos de socialização de negros e indígenas em um país que, até os dias de hoje, se posiciona com discriminação?

Enfim, éramos levados a interpretação de nossa realidade e também ao conhecimento de várias situações sociais constitutivas desta e, aprendíamos, a maneira correta de nos posicionarmos em determinados contextos.

O presente artigo tem por objetivo entender o contexto de construção da tradição oral afro-brasileira, compreendendo como atualmente as narrativas orais são apropriadas nas comunidades afrodescendentes e quem são os *griots/grios* brasileiros. Em razão do exposto, apresentamos alguns resultados de um levantamento teórico sobre o tema, assim como, organizamos fragmentos de um relato de experiência de sujeitos narradores que trabalham com narrativas africanas no Estado do Espírito Santo.

DESENVOLVIMENTO

COMUNIDADES NEGRAS E TRADIÇÃO ORAL: A REFERENCIALIDADE DOS GRIOTS AFRICANOS

A história oral antes de passar pelo processo de registro escrito é tão ou mais antiga que a própria História. A palavra falada é parte significativa de nossos traços identitários de construção étnica e social. Segundo Meihy (2014) as narrativas orais dos anciãos das comunidades tradicionais, em mitologias fundamentais de determinadas culturas ocidentais e até mesmo na Bíblia ou em outros livros sagrados, além do caráter educativo têm origem na oralidade.

A narração oral tem o poder de trazer à tona emoções, levar os ouvintes a imaginação e viabilizar a construção de mundo das comunidades socioculturais e são considerados como “[...] testemunho transmitido verbalmente de uma geração à outra [...]” (VANSINA, 2010, p. 140). Ela é diferente da forma escrita de registro e requer do transmissor fidelidade à memória.

A memória neste contexto, como força ativa dinâmica no processo de construção da história local, pode ser condutora de libertação de grupos pois, segundo Le Goff (1990) ela cresce e se alimenta da história, procurando salvar o passado, preservando-o e servir ao presente como ponte para o futuro. Porém, a memória é mutante e mesmo que remonte a gênese de uma comunidade ou grupo ela não está incólume as transformações sociais, políticas, regionais e culturais dos mesmos, sendo que, a falta dela, pode gerar progressivas alterações das gêneses dessas comunidades a cada geração.

É este também o meu ponto de vista: que a memória é historicamente condicionada, mudando de cor e forma de acordo com o que emerge no momento; de modo que, longe de ser transmitida pelo modo intemporal da “tradição”, ela é progressivamente

alterada de geração em geração. Tem estampadas, as paixões dominantes em seu tempo. Como a história, a memória é inerentemente revisionista e nunca é tão camaleônica como quando parece igual (SAMUEL, 1997. p. 4).

Todas as pessoas vivas descenderam de um tempo e de um lugar onde não existia escrita, as únicas ferramentas de guarda e transmissão de informações eram as memórias humanas, as bocas e os ouvidos (HALEY, s.d., p. 630).

A oralidade e a palavra escrita possuem características bem distintas embora possuam relação de interdependência uma da outra. A oralidade, segundo Nkama (2012) é um ato ritual coletivo, possui a característica de compartilhamento em comunidade buscando a aproximação e comunhão entre seus membros, ou seja, promove o fortalecimento da comunidade. “A narração oral constrói uma ponte entre os contemporâneos e os ancestrais” (NKAMA, 2012, p. 260). Já a palavra escrita, praticada através da leitura, é um ato isolado e individual e como tal, não permite esse compartilhamento de emoções. Além disso, o acesso ao livro e a leitura não se dá de modo equânime por uma série de fatores relacionados a alfabetização, a acessibilidade financeira ao livro, entre outros.

Em comunidades tradicionais os “guardiões da palavra” são as pessoas mais idosas, os anciãos, que tem a responsabilidade de preservação imaterial da história do grupo. Segundo Meihy (2014, p.41) os estudos da tradição oral se preocupam em registrar

[...] explicações sobre a origem dos povos; crenças referentes às razões vitais do grupo e ao sentido da existência humana, enquanto experiência que imita a vida; e o comportamento, bem como o destino dos deuses, semideuses, heróis e personagens malditos, fantásticos e históricos são aspectos caros aos estudos das tradições orais.

Na cultura africana esses “guardiões da palavra” são denominados de *griots*, eles são homens bem idosos que guardam os arquivos da história oral de um grupo, clãs e de suas famílias. Harley (s.d.) considera os *griots* como arquivos vivos ambulantes. O *griot* é também segundo Nkama (2012) como o “dono da palavra” e é dele a função de registro da memória social do grupo e de seus acontecimentos mais expressivos, registrando o passado para transmissão às gerações futuras.

Em África é comum a existência de *griots* locais, e são várias as comunidades que ainda preservam essa tradição, porém, a pessoa não se torna um *griot* por vontade própria, ela nasce *griot*, sua instrução se dá desde infância em processos de treinamento do uso da memória (NKAMA, 2012). Além de ser guardião das memórias ele é o orador mais sábio de toda a comunidade e sabe utilizar bem todos os recursos técnicos necessários para a arte da oralidade, tais como: o canto, a voz, a memória, a oratória, a eloquência, o verbo, a dança, a linguagem entre outros.

Segundo Nkama (2012), o *griot* também deve saber tocar instrumentos musicais rituais e algumas vezes era chamado para apaziguar povos que não conheciam seu grau de parentesco. Eles também são responsáveis na resolução de conflitos e diferenças entre as pessoas e grupos e na orientação dos mais jovens. Ser *griot* no entanto não é uma profissão remunerada, ainda que lhes conceda alguns benefícios e privilégios, “[...] como uma boa alimentação ou direito a hospitalidade universal; [...] Dizem, com toda a razão, que quando um *griot* morre, é como se toda uma biblioteca tivesse sido arrasada pelo fogo” (HALEY, s.d., p. 14).

FORMAÇÃO DE GRIOTS BRASILEIROS

No Brasil os quatrocentos anos de escravidão negra e africana fragmentou a construção identitária do povo afro-brasileiro, mas não

conseguiu extinguir a memória das populações afrodescendentes nem tão pouco inviabilizou a construção de uma identidade étnica do grupo negro apesar de todos os processos de desconstrução sofridas por esse indivíduo.

A constituição de uma identidade coletiva está relacionada a uma “linguagem comum” difundida por meio da narrativa da “comunidade histórica” que é quem produz a referência definitiva para ela. Segundo (TAYLOR, 1997) “[...] as relações íntimas são importantes para a definição de identidade pois auxiliam na definição do indivíduo no seu grupo de inserção: quem sou, a partir de onde falo e a quem falo”.

A identidade está carregada de um forte sentimento de “pertença” a um grupo pela presença do “mesmo” nos “outros”. Por sermos seres relacionais o humano tem a necessidade de se articular com seus interlocutores para a sua auto definição como indivíduo.

O “eu” ou o “self”, para Taylor, só pode ser definido por meio de “configurações morais” aceitas por uma dada sociedade. Seremos um self, à medida que tivermos significações das coisas e nossa identidade for resolvida diante de uma articulação válida das indagações em que buscamos nossa orientação para o bem, de acordo com nossa autocompreensão e auto-orientação. Uma pessoa livre de todas as configurações estaria sofrendo de uma “terrível crise de identidade”, não sabendo situar-se, orientar-se. Não teria condições de responder por si mesmo diante de questões de importância fundamental (TAYLOR, 1997 apud CAMPOS, 2005, p. 59).

Apesar do tráfico negreiro internacional ter sido abolido pela “Lei Eusébio de Queiroz” (1850) inviabilizando a chegada de novos africanos a circulação de negros de modo interprovincial cresceu e se fortaleceu internamente, viabilizando um maior deslocamento de trabalhadores escravizados e dificultando ainda mais uma construção identitária sólida. Além disso, a importação de trabalhadores livres

oriundos da Europa, promoveu outras dificuldades para que as narrativas orais africanas fossem fortalecidas (MOURA, 1988). Porém, com o fortalecimento de quilombos cuja resistência era cada vez mais consolidada pelo enfraquecimento da escravização negra, a construção de narrativas orais que contemplavam as trajetórias locais de um quilombo, a identificação de heróis e heroínas negras e muitas questões sociais e histórias foram construídas e transmitidas às gerações de hoje. A narrativa oral tornou-se então mais um fator de resistência negra a escravidão e uma nova possibilidade de elaboração de uma autêntica história social desta comunidade.

O ponto crucial para entendermos o processo de construção identitária também está na questão da pouca ou nenhuma compreensão do negro escravizado de sua condição no aspecto mais holístico. Segundo Cardoso (2003), o “[...] escravo não tinha condições de desenvolver uma plena consciência da sociedade escravista”, pois a mesma possuía diversos graus de possibilidades de compreensão, além de estar localizada nos engenhos de açúcar e café que possuíam características bem singulares, com *ethos* próprio, como se cada um fosse pequenos feudos isolados e o senhor de engenho seu soberano absoluto. Deste modo, a socialização do negro escravizado se dava de modo parcial pois estava constantemente sujeito a despersonalização e coerção por meio de violência.

Segundo Campos (2005, p. 32-33) a expressão mais comum, e por vezes única, para o negro escravizado era a revolta, a fuga e o quilombismo, ou seja, uma questão paradoxal:

[...] por um lado, a ausência de socialização do escravo produzia uma dificuldade de compreensão ampla do sistema escravocrata. Por outro lado, na dimensão do sofrimento, era perfeitamente possível compreender qual era o grupo inferiorizado e qual a posição do indivíduo desse grupo nesse sistema [...].

No processo de resistência cultural fortaleceu-se e consolidou-

se a formação de “grupos tópicos” cujo objetivo específico era promover uma espécie de resistência passiva através da cultura. Moura (1988, p. 112) descreve esses grupos como “grupos associativos” que podiam ser religiosos, de lazer “[...] muitas vezes funcionavam secretamente dentro de senzalas, dos batuques, grupos musicais, de candoblés, capoeira; e grupos inter cruzados possibilitando a construção de narrativas orais internamente a eles”.

Além disso, todo processo de construção de identidade brasileira e de narrativa oral de sua gênese é permeada pelo ideal de branqueamento, amplamente difundido no pós-escravidão. Campos (2005) nos mostra que a “questão das identidades e identificações é complexa, principalmente quando se trata do desvelamento e da possível afirmação de identidades étnicas no Brasil” pelo fato da “identidade brasileira” estar associada a miscigenação.

[...] Há uma ruptura na construção da identidade étnica brasileira, principalmente no que concerne à formulação amplamente difundida no início do Século XX, com os ideais nacionalistas e as políticas de eugenismo [...]. A literatura, a sociologia, a produção cultural, a ciência, enfim, vários âmbitos da sociedade, estavam envolvidos na construção do “tipo nacional”, do tipo étnico brasileiro que pudesse homogeneizar o povo em um grande plasma, definido como nacional. Estes resquícios permearam amplamente as gerações anteriores e ainda têm grande penetração na nossa geração. (CAMPOS 2005, p. 53)

O deslocamento do negro africano de seu continente e de sua origem histórica primeiramente, e secundariamente pelos processos internos de tráfico interprovincial provocou o que Hall (2004) classifica de “duplo deslocamento” ou “descentração do sujeito”, que está associado tanto ao deslocamento do indivíduo de seu lugar no mundo social e cultural quanto ao deslocamento deste de si mesmo. Campos (2005, p. 59) afirma que “[...] a escravidão negra gerou uma separação,

um abismo, um ‘estilhaçamento de identidade’, provocando uma reelaboração forçada da identidade negra; a fragmentação da história do negro pela narração através do olhar do vencedor”

EXPERIÊNCIA DO RESGATE DA TRADIÇÃO ORAL NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO AO PARTIR DA PRÁTICA DOS GRIOTS

Tendo como meta compartilhar informações sobre a atuação de narradores de histórias que trabalham com o resgate da tradição oral ao partir da herança da prática dos *Grios/Griots*, consideramos como ponto de partida o estabelecimento de visitas em comunidades afrodescendentes para resgatar contos para o trabalho com esse tipo de narrativa oral. Nesse ínterim, também destacamos uma valiosa participação em encontros, oficinas e outras atividades da área da contação de histórias, ao citar como exemplo uma ação desencadeada no Museu Capixaba do Negro (MUCANE) localizado no município de Vitória no Estado do Espírito Santo.

Tendo em vista que o MUCANE apresenta como objetivo desenvolver ações que partam da perspectiva histórica e social do Estado do Espírito Santo, procurando promover trocas entre a tradição e a herança local negra (VITÓRIA, 2011), partimos da experiência de participação em atividades proporcionadas a partir desse espaço. Com isso, percebemos a importância de valorização das narrativas afro brasileiras. Essa constatação influenciou a criação de um Grupo dentro desse museu: os Filhos de *Grios*.

Nos territórios de atuação acompanhamos a dinâmica dos momentos de atuação do narrador de histórias profissional autônomo remunerado, destacando um coletivo de sujeitos que fazem parte do Grupo Filhos de Griô do MUCANE: Cláudia Perere e Fábio Perere que paralelamente coordenam o Grupo Planeta Contos [...] (GERLIN, 2015, p. 176).

Por meio das atividades estabelecidas com os sujeitos contadores de histórias, foram organizados e colocados em prática o 1º Encontro Estudantil de Histórias Afro Brasileiras (Fotos 1, 2 e 3).

Gerlin (2015) expõe que por meio desse evento, os organizadores receberam vários profissionais da área da informação, educação e cultura, dentre eles citamos aqueles que estiveram interessados na arte de contar histórias africanas e na produção cultural no campo da narrativa oral, sendo eles docentes e discentes de várias escolas do ensino fundamental, médio e técnico, bibliotecários e outros sujeitos do Estado do Espírito Santo.

Foto 1 – Contação de histórias no 1º Encontro Estudantil de Histórias Afro Brasileiras (MUCANE).



Fonte: Acervo pessoal (2015).

O relato do contador de histórias Fábio Perere (apud GERLIN, 2015) expõe melhor esta questão:

Hoje a gente tem alguns trabalhos [...] no Museu do Negro. Depois de várias voltas que fiz no Brasil e tudo, encontrei algumas pessoas para discutir não só a questão afro, mas

também da oralidade brasileira, mas aprendendo também com a questão do racismo, do preconceito contra mulher, negro, deficiente, o que for nesse sentido. E hoje estarmos fazendo um evento desse, o 1º Encontro Estudantil de Histórias Afro Brasileiras, para mim é melhor [...]. Eu trago crescimento coletivo para todos os contadores de histórias que vieram, para estudantes que querem aprender um pouco mais sobre contação de histórias, então o gasto o meu tempo fazendo evento, me parece que é bem produtivo porque eu aprendo a fazer um evento e ajudo as pessoas a trabalhar com contação de histórias.

Fotos 2 e 3 – Contação de histórias no 1º Encontro Estudantil de Histórias Afro Brasileiras (MUCANE).



Fonte: Acervo pessoal (2015).

Por meio da participação em eventos e, principalmente, por intermédio do poder da palavra dos nossos antepassados abrem-se alternativas de trabalho com a narrativa africana (NKAMA, 2012).

Entendemos, portanto, que a apropriação da experiência dos *Grios* é um fator de empoderamento da prática do narrador.

Nessa direção, consideramos que o primeiro passo é buscar elementos para a constituição das narrativas ao partir da nossa própria história de vida, ao considerar que os contos, os mitos ocupam lugar em nossa memória. Após essa etapa, devemos nos preparar para atuar em uma diversidade de territórios de informação, educação e cultura, dentre eles citamos o ambiente escolar, os museus, as comunidades, etc.

Na pesquisa de campo realizada em municípios do Estado do Espírito Santo, nas Comunidades Quilombolas de São Mateus, Cachoeiro de Itapemirim de Monte Alegre e Vargem Alegre, entramos em contato com a vivência de narradores da localidade, dentre eles um escritor. Vivenciamos a cultura desse povo, a culinária, a música, as histórias, a dança a forma de recepção e a despedida:

*Os escravos faziam súplicas a Xangô para acabar com a agonia.
E foi assim, numa noite de lua cheia, sexta feira da paixão, era o
finda a construção.*

*Negros cantavam, sorriam e sonhavam esperando a alforria.
Mas na hora da missa veio o inesperado: o Frei se acovardou, não
entregou a alforria e se mandou.*

Música:

*Ai ai quanta tristeza / Ai meu deus quanta ilusão
Não havendo alforria / Houve uma insurreição⁴⁷*

No ato de ouvirmos narrativas e em um espaço de tempo em que todos ficaram sentados ao redor da mesa, não poderia faltar o narrador de histórias africanas. Nesse momento, percebemos que esteve incluído no ato de contar e de ouvir histórias a possibilidade de compartilhar vivências e saberes dessas comunidades. A alegria das lembranças das histórias era contagiante. “Conta aquela história”, alguém pediu, e assim se seguiu.

A observação por meio da pesquisa de campo torna-se

⁴⁷ Narrativa sobre a Insurreição de Queimado.

importante pelo fato de que muitas histórias, personagens e regiões ficam esquecidos ou camuflados, ocorrendo assim uma necessidade de contar as narrativas de origem africanas em ambientes escolares e não escolares.

Os eventos dos quais participamos ou organizamos auxiliam no processo de incentivo de novos contadores, conduzindo ao exercício da narrativa afro brasileira. Por meio dessas narrativas buscamos recriar na memória fatos dos nossos antepassados, trazendo outro olhar para novas gerações, paralelamente por meio do compartilhamento de poemas, músicas, dança, brincadeiras e outras manifestações.

A música também fez parte de todo o processo de desenvolvimento de nossas atividades. Em São Mateus, município em que realizamos a pesquisa com um escritor que pode ser considerado como uma enciclopédia viva, contemplamos múltiplas histórias dos negros no norte do Estado do Espírito Santo. Esse processo de diálogo e observação culminou num trabalho vasto que nos incentivou e ainda incentiva a dar continuidade ao processo de pesquisas sobre as histórias afro capixabas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resgate da história afro é um posicionamento perante a discriminação de uma cultura constituinte do povo brasileiro. Permite que trabalhem com ações afirmativas no campo das comunidades quilombolas no Estado do Espírito Santo. Essas ações devem partir dos sujeitos que atuam no interior desses grupos em parceria com colaboradores que reconhecem as especificidades da cultura local. À vista disso, a questão do multiculturalismo é trazida como estratégia de pensar que no encontro com essa cultura, a lógica da narrativa africana seja reconhecida no encontro com as diferenças.

A teoria levantada no contexto deste artigo vai ao encontro do contexto de atuação do narrador africano e, por meio dela, podemos perceber a importância da oralidade não só para construção de

identidades, mas também para a preservação da memória do grupo e das comunidades locais. Além disso é fundamental a presença dos mais velhos que não só são considerados como receptores da herança cultural da comunidade, mas sua própria história viva.

Será que podemos pensar em *griots* brasileiros? Como se construiu e se manteve a memória dessa população? Como podemos identificar onde está a produção da narrativa oral das comunidades afrodescendentes? Como herdeiros da prática dos *griots* que se conserva na memória social do povo brasileiro e por meio da articulação da teoria e da prática, podemos refletir que a maioria dos contos construídos pela comunidade negra, não raro, relatam situações difíceis de dor e sofrimento.

Ao mesmo tempo afirmam a superação do grupo, apresentando heróis e heroínas que transladaram o sofrimento e que se fizeram emblemáticos na comunidade. Mesmo com a fragmentação do processo de construção da identidade afrodescendente, os *griots* brasileiros vão sendo moldados. Não como nos países africanos, mas em contextos dialógicos com a realidade da escravidão e do período pós-escravidão, para, assim, acomodarem suas construções identitárias em seus grupos sociais, em especial, do Estado do Espírito Santo.

REFERENCIAS

CAMPOS, Ana Claudia Borges; SERRA, Carlos Henrique Aguiar. *Políticas de ação afirmativa? A implementação das 'cotas' na Universidade Estadual do Norte Fluminense nos vestibulares 2003 e 2004*. 2005. 184 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Norte Fluminense, Centro de Ciências do Homem.

CASTILLHO, Sueli D. DE; CAMPOS, Jocimar J. O caráter educativo das narrativas Oraís dos anciões da comunidade Quilombola Morrinhos/Poconé-MT. *Inter-Ação*, Goiânia, v. 41, n. 2, p. 305-322, maio/ago. 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/40773>>. Acesso em:

01 de ago. 2017.

GERLIN, Meri Nadia Marques Gerlin. *No balanço das redes dos contadores de histórias: competência narrativa e competência em informação no século XXI*. 2015. 325 f., Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/19224>>. Acesso em: 24 fev. 2015.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 4.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, n.24, pp. 68-75, 1996.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 1990.

MEIHY, José Carlos S. B. *História oral: como fazer, como pensar*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

NKAMA, Boniface Ofogo. Arte de contar histórias na África: entre o mito a ponte e a realidade – A formação do contador de histórias na África. In: GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano (Org.). *A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares*. São Paulo: Cortez, 2012. p. 247-267.

RAMOS, Alberto Guerreiro. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

SAMUEL, Raphael. Teatros da Memória. *Revista Projeto História – Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo – SP. 1997.

TAYLOR, Charles. *As fontes do self: A construção da identidade moderna*. São Paulo: Loyola, 1997.

VANSINA, Jean. A tradição oral e sua metodologia. In: Ki Zerbo. (Org.). *História geral da África I: metodologia e pré-história da África*. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 139 -166.

VITÓRIA (Cidade). Decreto nº 15.078 de 4 de julho de 2011. Institui o Museu Capixaba do Negro – MUCANE, integrado à estrutura organizacional da Secretaria de Cultura. Vitória, ES: Prefeitura Municipal de Vitória, 2011. Disponível em:<
<https://leismunicipais.com.br/a/es/v/vitoria/decreto/2011/1508/15078/decreto-n-15078-2011-institui-o-museu-capixaba-do-negro-mucane-integrado-a-estrutura-organizacional-da-secretaria-de-cultura>>. Acesso em: 02 ago. 2017.

SOBRE OS AUTORES

Adriana Alcará – Professora do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), onde atua nos cursos de graduação em Arquivologia e Biblioteconomia e no programa de pós-graduação *stricto sensu* em Ciência da Informação (PPGCI/UEL). Possui doutorado em Psicologia pela Universidade São Francisco (USF), mestrado em Educação, especialização em Gerência de Unidades de Informação e graduação em Biblioteconomia pela UEL. É pesquisadora e líder do Grupo de Pesquisa Informação e Cognição, cujos projetos estão voltados para o estudo do processo de busca e uso da informação, focando principalmente na formação de habilidades informacionais e na competência em informação.

Alzimar Ramalho – Pós-doutora pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Comunicação pela Universidade de Marília (UNIMAR), especialista em Comunicação Visual em Mídias Interativas pela Universidade do Norte do Paraná e jornalista pela Universidade Estadual de Londrina. Foi docente da Universidade de Brasília, Centro Universitário de Araras e Fundação Educacional do Município de Assis. Atualmente é docente e pesquisadora na interface jornalismo e novas mídias do Centro Universitário IESB de Brasília.

Amanda Xavier – Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Membro e ex-bolsista de iniciação científica do Grupo de Estudos de Narrativas da Terra (GENTE) do Centro de Educação da UFES.

Ana Cláudia Borges Campos – Doutora em Ciência da Informação, Dinter UnB/UFES, mestre em Políticas Sociais, ênfase em Políticas

Públicas, pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora do Departamento de Biblioteconomia da Ufes, possuindo experiência em pesquisa em bases bibliográficas nacionais e internacionais; controle, atualização e encaminhamento de normas técnicas; pesquisa bibliográfica; gestão de documentos eletrônicos em drives de rede; administração de Centros de Documentação (impressos e eletrônicos); catalogação, indexação e pesquisa de imagens em movimento.

Benedito Medeiros Neto - Pós-Doutorado da Escola de Comunicação e Arte ECA/USP. Doutor em Ciência da Informação/Inclusão Digital pela Faculdade de Ciência da Informação da UnB. Mestrado em Pesquisa Operacional/Teoria dos Grafos (Estatística e Métodos Quantitativos) pela UnB. Especialista em Engenharia Elétrica/Inteligência Artificial pela UnB. Engenheiro Eletricista/Telecomunicações pela UnB. Vida Profissional: Bolsista Pesquisador do Projeto/MEC/MCTI/CAPES/CNPq/FAPs n. 09/2014. Pesquisador e Professor da FAC/UnB & CIC/IE/UnB. Pesquisador Associado da Escola do Futuro-USP. Participante do Comitê Técnico GT01 ENANCIB. Parecerista da Revista Ibero-America de CI/Faculdade de Ciência da Informação/UnB. Foi Consultor para Inclusão Digital do Ministério das Comunicação e Coordenador de Gestão do Conhecimento e Avaliação do Programa GESAC. Na ECT foi Gerente de Diretoria, Assessor da Vice-Presidência, Assessor/Apoio Técnico (FAT) de Diretoria da Tecnologia e Infra-Estrutura e Analista de Sistema Sênior. Foi Chefe de Seção de Telecomunicações do Sistema Telebras. Foi Professor de Ensino Superior/ESAP/ECT, Professor Universidade Católica de Brasília e Professor do CEUB. Fez parte do Conselho Editorial do Programa GESAC/Ministério das Comunicações. Áreas de atuação e pesquisa: Ciências da Computação, Informação e Comunicação; Ensino de TIC; Sistemas Colaborativos; Informática e Sociedade; Web Semântica;

Inclusão Digital; Cidades Digitais; Competência em Informação, Redes Sociais e Avaliação de Programas de Inclusão Digital e Inovação.

Cláudia Maria de Oliveira – Graduada em História da Arte. Membro da Academia Brasileira de Contadores de Histórias, do Grupo Planeta Contos e do Grupo Filhos de *Griôs*. Proprietária e gestora da Creche e Centro Educacional Reino Encantado, Vila Velha, Espírito Santo (ES).

Daniela Lucas da Silva Lemos – Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em Ciência da Informação pela UFMG, especialista em Gestão Estratégica da Informação pela UFMG e graduada em Administração de Sistemas de Informação pela Faculdade de Sistemas de Informações Gerenciais da Una. Atualmente é professora adjunta e pesquisadora do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo. Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em organização da informação, representação do conhecimento e recuperação de informação, atuando principalmente nos seguintes temas: representação do conhecimento, ontologias, web semântica, linked data e descrição multimídia. Possui experiência na área de tecnologia da informação, com ênfase em bancos de dados, engenharia de software e análise e projeto de sistemas de informação.

David Renault da Silva - Graduado em Jornalismo, mestre em Comunicação e doutor em História, todos na UnB, tem Pós doutorado pela Universidade do Minho, Portugal. Professor do Departamento de Jornalismo FAC/UnB há 25 anos, foi professor responsável pela disciplina que produz o Campus, jornal-laboratório impresso do curso de Jornalismo da UnB, Campus Online, Técnicas de Jornalismo e Campus Repórter, entre outras. Foi coordenador de Ensino e Graduação da Faculdade de Comunicação (FAC), período em que coordenou a elaboração e implantação dos novos currículos das três

habilitações do curso de Comunicação. Professor Associado II, foi Diretor da Faculdade de Comunicação. Leciona atualmente as disciplinas Campus Repórter, Introdução ao Jornalismo, História do Jornalismo e Pré-Projeto em Jornalismo. Participa do programa de Pós-graduação da FAC, na linha de pesquisa Jornalismo e Sociedade e é líder do grupo de pesquisa Jornalismo e Memória na Comunicação.

Eduardo Valadares da Silva - Professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na Escola de Ciência da Informação; Pesquisador do Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE) da UFMG e Membro da Comissão de Bibliotecas Escolares do CRB 6ª Região. Graduado em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Mestrado em Educação pela UFES e Doutorado (em andamento) em Ciência da Informação pela UFMG. Tem experiência na área de Biblioteconomia, com ênfase em Biblioteconomia Escolar, atuando principalmente com os seguintes temas: biblioteca escolar, narrativas e educação.

Elane Couto Uliana – Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), professora substituta do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e bibliotecária da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV) na Secretaria de Educação de Vitória do Estado do Espírito Santo (ES).

Elijance Marques dos Santos – Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Ex-bolsista de iniciação científica do projeto de pesquisa “No balanço das redes dos contadores de histórias: competências em informação do sujeito narrador no século XXI”. Membro Externo do Projeto Informa-Ação e Cultura da Universidade Federal do Espírito Santo.

Elmira Luzia Melo Soares Simeão – Professora Associada e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB),

com mestrado em Comunicação e Cultura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Atua na área de editoração, formação de acervos e competência informacional. Exerce a direção da Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da UnB, sendo membro do Conselho de Ensino e Pesquisa da UnB (CEPE), Conselho de Administração (CAD) e Conselho Superior da UnB (CONSUNI). Professora na FCI, na graduação em Biblioteconomia e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Parecerista em várias revistas da área de Ciência da Informação. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Publicações Eletrônicas e Editoração, atuando principalmente nos seguintes temas de pesquisa: tecnologia da informação, editoração, comunicação, ciência da informação, informação e saúde, comunicação extensiva, competência em Informação e inclusão digital. Representante da Universidade de Brasília no convênio com a Universidad Complutense de Madrid (UCM), onde mantém contato com pesquisadores nos departamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação e Documentação da UCM. Líder do grupo de Pesquisa Competência Informacional certificado pelo Conselho Nacional de Pesquisa do Ministério de Ciência e Tecnologia (CNPq).

Fabiano de Oliveira Moraes – Professor Adjunto da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), atuando no Departamento de Linguagens, Cultura e Educação. Doutor em Educação e mestre em Linguística e graduado em Letras-Português pela UFES. Como escritor, publicou livros infantis pelas editoras: Cortez, Paulinas, Universo da Literatura, Universo dos Livros, Mazza, Franco, Nova Alexandria, Imeph e Elementar, dois deles selecionados pelo MEC para o PNBE. Publicou livros técnicos pelas editoras Vozes e Cortez. Participou de mesas redondas, realizou apresentações artísticas como contador de histórias e ministrou oficinas no Brasil e no exterior. Idealizador e Coordenador do Portal Roda de Histórias pelo qual recebeu o Prêmio Culturas Populares

2007, pelo MinC. Participou da Oficina 'Brincando na Diversidade: Cultura na Infância' (MinC), contribuindo com a elaboração de diretrizes e ações do Plano Nacional de Cultura.

Fábio Vieira Pereira – Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em convênio com a Universidade de Vila Velha do Espírito Santo (PUC-SP/UVV-ES), especialista em Recursos Humanos pelo Centro Universitário FAESA (Faculdades Integradas Espírito-Santenses), Educação de Jovens e Adultos pelo Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) e Filosofia e Psicanálise pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Graduado em Administração pela FAESA e Ciências Sociais pela UFES. Membro da Academia Brasileira de Contadores de História, do Grupo Planeta Contos e do Grupo Filhos de *Grios*.

Joyce Del Frari Coutinho - Gestora de Políticas Públicas e Gestão Governamental do Quadro de Carreira do Governo do Distrito Federal, concentra a sua trajetória profissional e especialização acadêmica no campo da comunicação pública e governamental. Graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, possui formação pós-graduação *lato sensu*, na Universidade de Brasília (UnB), em Estratégias de Comunicação, Mobilização e Marketing Social e Estado e Sociedade Civil: Política e Gestão de Organizações Não-Governamentais. Atua na elaboração de planejamentos integrados de comunicação; articulação de estratégias e ferramentas de comunicação; redação e edição de conteúdos jornalísticos e institucionais; e gestão de projetos e equipes. Integra o projeto interdisciplinar de extensão Partilhar, da Faculdade de Comunicação da UnB, que visa desenvolver ações e criar produtos para a autonomia cidadã em rede. Trabalhou por 13 anos no Governo Federal, sendo 11 anos na Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom/PR), como Assessora Especial de

Planejamento e Articulação; um ano na Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM/PR), como Assessora de Imprensa, onde colaborou na concepção e organização do seminário *A Mulher e a Mídia*; e outro ano no Ministério da Educação (MEC), como Chefe da Assessoria de Comunicação Social. Na UnB, atuou por quatro anos, no Centro de Produção Cultural e Educativa (CPCE/FAC). Entre outras funções, na Secretaria de Comunicação Social do DF (Secom/DF), foi Chefe de Gabinete e Chefe de Redação da Agência Brasília.

Ingrid Simões Pereira – Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo e bibliotecária da Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC) na Secretaria de Educação de Cariacica do Estado do Espírito Santo (ES).

Iguatemi Santos Rangel – Professor adjunto I da Universidade Federal do Espírito Santo, atuando no Departamento de Linguagens, Cultura e Educação com disciplinas de fundamentos da educação e estágio supervisionado para os cursos de licenciatura. Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), mestrado e doutorado em Educação pela UFES. Atuou como professor da educação básica nas redes estadual e municipal de educação nas áreas de ensino de educação física e educação infantil. Trabalhou como gerente de formação de professores da Secretaria Estadual de Educação do Espírito Santo (ES). Atuou como tutor do Programa de Educação Tutorial (PET) de Licenciaturas. Coordenador do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Currículos, Culturas e Cotidianos (Nupec). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil e processos de formação continuada de professores da educação básica. Os temas de interesses e aprofundamento de estudos e pesquisas são: educação infantil, ensino de educação física escolar, formação continuada de professores e currículo.

Maira Cristina Grigoletto – Professora Adjunta da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) no Departamento de Arquivologia (Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas/CCJE). Doutora e Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (UNESP/Campus de Marília); Licenciada em História pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Atuou como pesquisadora junto ao Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba (IPPLAP) e Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba (CODEPAC). Foi professora de História e História da Arte na rede particular de ensino; pesquisadora e curadora na reestruturação do Museu Histórico e Pedagógico "Prudente de Moraes" (Piracicaba/SP). Possui experiência nas áreas de História, Educação, Ciência da Informação e Arquivologia, atuando principalmente na linha de produção e organização da informação.

Marcela Lopes Mendonça Coelho Amorim – Graduada em Biblioteconomia e Serviço Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), atualmente atuando como bibliotecária da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV) na Secretaria de Educação de Vitória do Estado do Espírito Santo (ES).

Marcelo Souza de Jesus - Possui graduação em Administração com Habilitação em Análise de Sistemas pelo Instituto Compacto de Ensino Superior e Pesquisa e Especialização em Gestão de Pessoas, Master of Business Administration - MBA e Inteligência de Futuro de Mestrado em Ciências da Informação pela Universidade de Brasília. Atualmente é pesquisador bolsista da Fiocruz-Brasília e docente do curso de Administração do Centro Universitário IESB. Tem experiência na área de Administração, atuando principalmente nos seguintes temas: ciência da informação, governança, rede e informação. Projetos de pesquisa com foco na aplicação dos métodos de Análise de Redes Complexas e validação de metodologia para obtenção e tratamento

de informações estratégicas na área de Ciência, Tecnologia e Inovação. Apoiador na prospecção de futuro e planejamento institucional. Como pesquisador do Colaboratório de Ciência Tecnologia Sociedade da Fiocruz-Brasília Mapeia dados relacionados à gestão de incorporação de tecnologias em saúde, armazenados no SUS; analisa os dados do Sistema para elaboração de relatórios gerenciais; analisa dados do Sistema para definição e elaboração de indicadores e apresentação de propostas de monitoramento da Sustentabilidade do SUS. Participação no grupo de pesquisa Políticas Públicas em Saúde, do(a) Fundação Oswaldo Cruz e pesquisador no grupo de pesquisa Jornalismo e Memória na Comunicação, do(a) Universidade de Brasília

Márcia Helena da Silva Marques – Especialista em Direitos Humanos pelo Instituto Superior de Educação e Cultura Ulisses Boyd, graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e bibliotecária da Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC) na Secretaria de Educação de Cariacica do Estado do Espírito Santo (ES).

Márcia Marques - Professora concursada do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Ciência da Informação e Mestre em Comunicação pela UnB, graduada em jornalismo pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Como integrante do GPCI, sou pesquisadora do campo de formação de competências para a informação e a comunicação em rede em ambientes digitais. No ensino, implementei disciplinas que relacionam transdisciplinarmente três campos do conhecimento: a Comunicação, a Informação e a Computação; para a gestão da memória e para o processo de aprendizado em rede. Também integro o grupo de pesquisa Gestão da Memória e Jornalismo, atualmente envolvido em duas investigações: a que orienta o desenvolvimento de tecnologias e soluções para a organização e acervamento da informação e conhecimento no CeDoc da FAC e a que faz o mapeamento dos veículos que produzem jornalismo independente, com objetivo de entender as novas conformações do processo de produção jornalística.

Maria Giovana Soares – Especialista em Gestão da Qualidade pela Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro (RJ). Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Bibliotecária da Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC) na Secretaria de Educação de Cariacica do Estado do Espírito Santo (ES).

Marta Leandro da Mata – Doutora em Ciência da Informação, Mestre em Ciência da Informação e Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/Campus de Marília), com período de doutorado sanduíche na Universidade Carlos III de Madrid. É professora Adjunta do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Líder do grupo de pesquisa "Competência em Informação e Processos Inter-relacionados". Tem experiência na área de Ciência da informação e Biblioteconomia, atuando, principalmente com os seguintes temas: competência em informação, fontes de informação, formação e atuação do bibliotecário, preservação em unidades de informação.

Meri Nadia Marques Gerlin – Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Educação e graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Como professora adjunta do Departamento de Biblioteconomia da UFES lidera o grupo de pesquisa "Competência em Informação e Processos Inter-relacionados" certificado pelo CNPq, tendo coordenado o projeto de pesquisa, recentemente finalizado, "No balanço das redes dos contadores de histórias: competências em informação do sujeito narrador no século XXI". Atualmente coordena as ações dos projetos de pesquisa "Competência leitora numa sociedade conectada por redes de colaboração" e extensionista "Informa-Ação e Cultura". Trabalha com uma diversidade de atividades relacionadas com os campos do ensino, da pesquisa e da extensão universitária,

intercambiando temas no âmbito da ação cultural, competência leitora, competência em informação, competência narrativa, multiculturalismo e serviço de referência e informação.

Mônica Regina Peres - Possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Goiás, mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Rondônia e doutora na Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da Universidade de Brasília (UnB) onde também atuou professora substituta no curso de Biblioteconomia. Atualmente é prestador de serviço da Fundação Getúlio Vargas, professora voluntária e bibliotecária da UnB onde atuou como assessora de direção na Biblioteca Central. Tem experiência em gestão de projetos e com Educação Superior, atuando principalmente nos seguintes temas: biblioteconomia, tecnologias na educação, eventos, gestão, educação, educação inclusiva e ciência da informação

Philippe Peterle Modolo – Especialista em Psicopedagogia Institucional e Gestão Escolar pela FAVENI (Faculdade Venda Nova do Imigrante) e pesquisador independente no campo da educação e cultura.

Renato Rocha Souza – Possui graduação em Engenharia Elétrica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina, doutorado em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais e pós-doutorado em Tecnologias Semânticas para Recuperação de Informação - University of Glamorgan, UK, sob supervisão de Douglas Tudhope e com bolsa do CNPQ. É atualmente professor e pesquisador da Escola de Matemática Aplicada (EMAp) da Fundação Getulio Vargas e professor colaborador da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Representação do Conhecimento e Recuperação de Informação, atuando principalmente nos seguintes temas: Sistemas de Recuperação

de Informações, Processamento de Linguagem Natural, Indexação Automática, Representação do Conhecimento, Ontologias, Gestão do Conhecimento. Tem também experiência em Tecnologia na Educação, Software Educativo e Ensino a Distância.

Silvana Soares Sampaio – Professora de Arte, contadora de histórias e escritora. Atua como contadora de histórias em escolas, lançamento de livros, seminários, bibliotecas, cursos de literatura infantil, Feiras Literárias com o objetivo de sensibilizar as pessoas sobre a importância do ato de ler. Foi membro do Comitê PROLER (programa de incentivo à leitura da Biblioteca Nacional) no Espírito Santo e durante este período fez vários cursos que deram maior fundamentação ao seu trabalho. Estudou na Fundação Armando Álvares Penteado–FAAP em São Paulo e possui especialização em Docência do Ensino Superior pela Universidade Candido Mendes. Publicou quatro livros de literatura infantojuvenil: Aventuras de um Vermelho Inquieto, Roda-Vida, Lendas Capixabas em Versos e Vento Sul, assim como contos, crônicas e poemas em antologias, revistas e jornais. Membro da Academia Feminina Espírito-Santense de Letras-AFESL, tendo ocupado a presidência dessa instituição durante o biênio 2012-2014. É também membro do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo-IHGES.

Taiguara Villela Aldabalde – Professor e pesquisador da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) alocado no Departamento de Arquivologia. Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB). Pós-doutor na linha de investigação "Ciências da Informação: Arquivo, Biblioteca e Documentação" na Fundação de Cultura Fernando Pessoa (Universidade Fernando Pessoa).

Tatyane Mendes Ferreira - Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pelo Centro Universitário de Brasília IESB e atualmente é repórter na editoria de sociedade do Portal de Notícias Metrôpoles. Tem

experiência na área de produção de textos jornalísticos para veículos impressos e digitais nas editorias de Política, Nacional, Educação, Economia e Formação Profissional e apuração de dados para pesquisas estatísticas, além de ligação com áreas de estudos sociais e literários. É integrante do projeto de pesquisa científica "Partilhar", trabalhando com a criação de um modelo pedagógico e o desenvolvimento da comunicação para facilitar a transmissão de conhecimentos entre os cidadãos e aumentando a participação cidadã deles. A pesquisa envolve as áreas de comunicação, educação, computação e tecnologias. Possui nível intermediário em espanhol e fluência em inglês.